

POLÍCIA! PARA QUEM PRECISA DE POLÍCIA! REFLEXÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO POLÍCIA ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES PELA CULTURA E PELA LITERATURA BRASILEIRA.

DOUGLAS ERALDO DOS SANTOS¹; Prof. Dr. JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE²;

¹Universidade Federal de Pelotas – douglasxv@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – jlourique@pq.cnpq.br

1. INTRODUÇÃO

A polícia está entre as mais complexas e polêmicas instituições da sociedade contemporânea, de modo que nem sempre é pacífica a proposição ou as tentativas de reflexão sobre ela. Todavia, é o que se pretende neste trabalho, propor reflexões e debates sobre a atividade policial a partir da construção de um olhar crítico através de suas representações pela cultura e pela literatura brasileira. Para tanto, partiremos de uma perspectiva de *literatura e sociedade*, CANDIDO (2006) observando como “os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da [s] obra[s]”. Dito isto e partindo para a questão específica a ser abordada neste trabalho, leiamos CANDIDO (1972) quando diz que “Balzac, que percebeu tanta coisa, percebeu também qual era o papel que a polícia estava começando a desempenhar no mundo contemporâneo”. Sob este prisma, o crítico evidencia que:

O romancista tinha mais ou menos dezesseis anos quando Napoleão caiu, e assim pôde ver como a polícia organizada por Fouché adquirira por acréscimo (numa espécie de desenvolvimento natural das funções) o seu grande papel no mundo burguês e constitucional que então se abria: disfarçar o arbítrio da vontade dos dirigentes por meio da simulação de legalidade. (Candido, 1972, pp. 15-22)

A partir de sua leitura da obra de Balzac e de outros autores que trataram da questão como Kafka e Dostoiévski, CANDIDO (1972) em “A Verdade da Repressão” aponta então que:

a polícia de um soberano absoluto é ostensiva e brutal, porque o soberano absoluto não se preocupa em justificar demais os seus atos. Mas a de um Estado constitucional tem de ser mais hermética e requintada. Por isso, vai-se misturando organicamente com o resto da sociedade, pondo em prática um modelo que se poderia chamar de veneziano ou seja, o que estabelece uma rede sutil de espionagem e de delação irresponsável (cobertas pelo anonimato) como alicerce do Estado. (Candido, 1972, pp. 15-22)

Nessa perspectiva, CANDIDO (1972) reflete que “a polícia se disfarça e assume uma organização dupla, bifurcando-se numa parte visível (com os seus distintivos e as suas siglas) e numa parte secreta” e sendo assim “a tarefa policial deve ser executada implacavelmente, mas sem ferir demais a sensibilidade dos



bem-postos na vida” sendo que “para isso, é preciso esconder tanto quanto possível os aspectos mais desagradáveis da investigação e da repressão”.

Por conseguinte, com o intuito de ampliarmos os olhares sobre a questão, podemos ainda partir para terreno próprio da polícia dentro dos gêneros literários, a literatura policial. REIMÃO (1983) ao pesquisar sobre o gênero mostrará que “se num primeiro momento há uma aceitação e até uma certa louvação da polícia, logo a população das novas cidades industriais ficará desconfiada e insatisfeita com esta nova instituição” revelando a mudança de percepção sobre a polícia a partir do passar dos anos. Neste terreno próprio aos policiais, espaço em que geralmente surgem moldados no arquetipo do herói, teremos justamente na literatura policial brasileira a peculiaridade do questionamento dessa instituição, conforme mostra REIMÃO (2005) ao dizer que nela:

a crítica à polícia enquanto instituição e a denúncia de falhas no sistema judiciário, constantes em nossa literatura policial enigma, fazem também com que boa parte das narrativas policiais brasileiras se situe de maneira diversa dos clássicos do gênero que são narrativas “delimitadoras de culpabilidade”, já que essa literatura nacional “espalha” e aponta toda uma tessitura de culpas e omissões que, em nossa sociedade, contorna o crime. (Reimão, 2005, p.40)

2. METODOLOGIA

Portanto, para realização e execução desta pesquisa partimos de um conjunto de obras da cultura brasileira e de nossa literatura de modo que a esta leitura somamos ferramental teórico capaz de contribuir para uma abordagem crítica de romances e composições e embasar nossas reflexões pautadas pela crítica social e pela intertextualidade da obra de arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo então destes pressupostos metodológicos e teóricos, passemos a observar algumas manifestações de arte na cultura brasileira – no caso deste trabalho, composições e romances – a proporem uma visão bastante crítica da instituição polícia. Começemos, por exemplo, com a observação de duas composições do gênero musical “rock and roll” que tornaram-se icônicas da música brasileira dos anos oitenta. A começar por BELLOTTO (1986) com “Polícia”:

Dizem que ela existe pra ajudar,
Dizem que ela existe pra proteger,
Eu sei que ela pode te parar,
Eu sei que ela pode te prender,
Polícia para quem precisa,
Polícia para quem precisa de polícia
Polícia para quem precisa,
Polícia para quem precisa de polícia
Dizem pra você obedecer,
Dizem pra você responder,
Dizem pra você cooperar,
Dizem pra você respeitar,
Polícia para quem precisa,
Polícia para quem precisa de polícia

Polícia para quem precisa,
Polícia para quem precisa de polícia

Vejamos que pelos versos da composição a instituição polícia é posta em dúvida e suas palavras questionam a quem de fato ela serve. Neste caso, não menos curioso é observar que embora a indeterminação do sujeito do verbo dizer, a sua utilização provoca o efeito contrário, dando foco ao discurso oficial. Se nesta composição a instituição é questionada em seu todo, por sua vez em “Veraneio Vascaína”, composição de RUSSO et LEMOS (1986), se ampliará a questão não só problematizando a instituição, mas também trazendo para este já complexo campo o indivíduo que compõe a polícia:

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, e dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina

Porque pobre quando nasce com instinto assassino
Sabe o que vai ser quando crescer desde menino
Ladrão pra roubar, marginal pra matar
Papai eu quero ser policial quando eu crescer

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, e dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina (...)

São duas dentre muitas canções entre diversos gêneros a questionar o papel da polícia, contudo passemos para o campo das narrativas, o qual, como já vimos aqui, também tem trazido relevantes questionamentos sobre a *polícia*, como é o caso do romance. Respeitando os limites a que propõe-se este trabalho, mas assumindo que esta é uma discussão a ser ampliada noutros fóruns com a consequente ampliação de obras abordadas, neste caso específico atentemo-nos para a representação policial no romance “Incidente em Antares”, VERÍSSIMO (1998), Especificamente no Delegado Inocêncio Pigarço a quem cabe manter a ordem e os desejos da elite burguesa da cidade de Antares. O Delegado na verdade não mostra-se nada diferente dos temidos agentes do DOPS durante a ditadura militar instaurada com o golpe de 1964. Tanto que um de seus crimes vindos à tona com a carnavalização imposta pelos mortos insepultos daquela sexta-feira treze peculiar na cidade de Antares é a prática da tortura a que submete o pacifista João Paz, pela suspeita de integrar alguma célula comunista, que aos olhos do Delegado é a mesma coisa que terrorismo. Na obra, Pigarço age sempre sob os interesses da elite antarense e de modo violento e autoritário e geralmente sem qualquer justificativa plausível que não seja sua preocupação em manter estável o *status quo*. Como sua suspeita que leva João Paz à morte em plena delegacia pela tortura perpetrada pelo delegado, que não obstante criará uma versão mentirosa para justificar o falecimento do pacifista. Ocorre que na obra de VERÍSSIMO (1998) Inocêncio Pigarço constituir-se-á em interessante exemplo da atuação da polícia e a quem em última ordem os verdadeiros

interesses esta instituição representa. Aliás, será em pleno coreto da praça de Antares que Cícero Branco – um dos defuntos insepultos – em um de seus discursos construirá um diálogo com o que temos falado aqui, descrevendo não somente a sociedade, como a própria necessidade-função da polícia:

Para vós é importante que a festa continue, que não se toque na estrutura, não se alterem os estatutos do clube onde os privilegiados se divertem. A canalha que não pode tomar parte na festa e se amontoa lá fora no sereno, envergando a triste fantasia e a trágica mágica da miséria, essa deve permanecer onde está, porque vós os convivas felizes achais que os pobres sempre os haverá, como disse Jesus. E por isso pagais a vossa polícia para que ela vos defenda no dia que a plebe decidir invadir o salão... (Veríssimo, 1972, pp.344-5)

4. CONCLUSÕES

Enfim, partimos neste trabalho de provocações que estimulam e questionam a instituição *polícia* e que acima de tudo buscam desnudar a quais interesses esta atenderá primariamente. Todavia, não trata-se de uma discussão que encerra-se aqui, pelo contrário, este é o princípio de um trabalho que demanda pesquisas e reflexões mais amplas. Entretanto, podemos salientar que mesmo tendo estas discussões caráter de debate inicial, podemos perceber que a literatura e a cultura brasileira guardam pertinentes reservas em relação à *polícia*, algo que não raro podemos perceber também no âmbito externo à arte. De certa forma são reservas justificáveis, visto que num país cujo processo formativo social e histórico é marcado fortemente pelo trauma, pela violência e pelo autoritarismo, ao oprimido “ter um pé atrás” significa princípio de resistência e também proteção. Além disso, vale reassaltar que a polícia a serviço do Estado, em muitos momentos, quicá via de regra, tem sido usada para impor pela força as políticas desse mesmo Estado caracterizado pela desigualdade social e que historicamente age para que tais desigualdades mantenham-se sem alterações. Portanto, sem fecharmos aqui as portas para as diferentes reflexões sobre a problemática, neste trabalho nos propomos a um recorte capaz de jogar luzes sobre a quem e qual tem sido a função da polícia, uma questão que não tem sido desconsiderada pela arte e pela sociedade brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLOTTO, Antonio. **Polícia**. In: Cabeça de Dinossauro: WEA, 1986.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- _____. **A Verdade da Repressão**. Opinião nº 11, 15-22, I, Rio de Janeiro, 1972.
- REIMÃO, Sandra. **Literatura policial brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **O que é romance policial?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RUSSO, Renato; LEMOS, de F.M.V. **Veraneio Vascaína**. In: Capital Inicial: Polygram, 1986.
- VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1998.